

PREFÁCIO

Homens sentem.

Não se engane com tolos preconceitos.

Sentimos todos. É o *ser* humano. É o *ser* do homem.

Sinto, logo existo. Descartes compreenderia os meus motivos em contradizê-lo. Afinal, constantemente sentimos. Nós sentimos o tempo e o espaço. O amor e a solidão. O *sentir* é por si só uma inegável certeza sobre a nossa existência.

Uma existência nem sempre tão prazerosa assim. Quantas vezes não somos atingidos por inexplicáveis tristezas e angústias? Quantas vezes

não nos sentimos completamente entregues aos delírios das paixões? Aos olhos da razão, a força da alma e suas pulsões nos parecem tantas vezes uma força incontrolável. Capaz de nos conduzir para perigosos e tortuosos caminhos.

Diante deste gigantesco caos e suas consequências, alguns se sentem ameaçados. Sentem medo do próprio *sentir* e se escondem em frágeis casulos. Outros tentam se esconder atrás das frias capas da aspereza. *Somos homens frios e fechados*, eles dirão. Enxergarão a sensibilidade com um certo desdém, confundindo fragilidade com fraqueza. São todas tolas tentativas de se proteger da profundidade da vida. Afinal, basta o simples uso da razão para compreender o quanto é inútil tentar renunciar ao sentir. Nós simplesmente não conseguimos.

Ainda assim, sou capaz de entender estes receios. São tempos difíceis. Nós nunca estivemos tão livres para viver. Uma liberdade presente nas mais variadas esferas do nosso cotidiano. Somos livres para o amor. Para a felicidade. Somos até mesmo livres para encontrar um sentido maior para a nossa existência. Ainda estamos, é claro,

distantes da total igualdade e ausência de preconceitos. Porém, algo é inegável: nunca estivemos tão livres.

Uma condição única aos homens. Uma liberdade capaz de nos presentear com sentimentos como o amor e a empatia, algo muito além do simples afeto. Porém, uma liberdade também capaz de nos trazer o ódio e a indiferença. Assim, nascem em nós as mais variadas paixões e os des-casos. Assim, nascem em nós as mais belas amizades e tristes egoísmos. *Somos livres para amar, mas também somos livres para (nos) iludir.*

São os dois lados de um único mundo: o real.

Um mundo retratado neste livro. Nas próximas páginas, você encontrará fragmentos reunidos ao longo da minha existência. Alguns olham para os meus sentimentos. As minhas paixões e angústias. São *confissões poéticas*. Outros observam o mundo e os seus desvios. A realidade atual de cada um de nós. São *reflexões filosóficas*.

Razão e sensibilidade agora reunidas.

Não espere palavras superficiais. São as minhas mais profundas verdades. Afinal, entre os homens, já existem suficientes mentiras.

**NÃO ALIMENTE
AS EXPECTATIVAS.
ELAS MORDEM.
R**

Lamentar menos, esperar menos, amar mais. O gênio? André Comte-Sponville. Passado e futuro são inexistentes. Nascem da nossa insegura tentativa de enxergar o tempo como uma linha. Na verdade, a vida é um só ponto. No passado, residem apenas as lembranças do que já foi. Do outro lado, estão somente as esperanças pelo o que há de vir. Nada além disso. Então, não alimente as mágoas. Não cultive também as expectativas. Até mesmo a mais criativa das ansiedades é incapaz de superar as graças da vida. Nos resta, com muito prazer, desfrutar o instante presente. Não lamentar o passado ou esperar por um inexistente futuro. Pareço pessimista? Apenas pareço. Por trás destas palavras reside o mais realista otimismo. Afinal, a sua prática nos torna livres para amar o agora (e amar agora). É nesse instante do tempo que a felicidade existe. Exige coragem, eu sei. Exige a capacidade de lidar com o incerto e não esperar nada do amanhã. Ousado demais? Talvez. Mas prefiro não alimentar as expectativas. Afinal, elas morrem.

**AMOR É
SE ENCANTAR,
NÃO SE ILUDIR.**

Verbos tão próximos, ainda assim tão distantes. *Ilusão* é apenas uma distorção da percepção. O não real. Infelizmente, um *apenas* não tão apenas assim. Afinal, os seus possíveis estragos são devastadores. Esmagam até a mais resistente das almas. Todos nós conhecemos bem os seus destrutivos efeitos. *Encantamento* é o exato oposto. É leve. É a genuína capacidade de se alegrar pelo verdadeiro. Não desejar o ausente, mas contemplar o presente. É a diferença entre o desejo de Platão e o amor de Aristóteles. Obviamente, os dois existem em nós. Mas o primeiro é insaciável. Um insustentável vazio. O segundo nos preenche. É encontrar nos mesmos olhos constantes razões para o amor. Mesmo quando todos os defeitos já nos forem conhecidos. Quando não existirem mais descobertas ou *conquistas*. Uma linha perigosa e tênue. Afinal, nada nos *pertence*. Nada é *conquistado*, exceto o instante presente. Nele, o amor é simples. É sempre se encantar e não se iludir.

**AME AO PRÓXIMO,
SEM DESTRUIR A TI MESMO.**

Amor próprio. São palavras marcadas com falsas promessas de felicidade. Eu raramente as escrevo, evitando as manchas do seu uso desmedido. Ainda assim, não poderia deixar de esclarecê-las. Para alguns pensadores, amor próprio é um instinto nato de sobrevivência. Um sentimento profundo, presente até mesmo nos antigos mandamentos. Ame ao próximo *como ama a ti mesmo.* A minha visão religiosa? Pouco importa. O valioso é reconhecer, já na Antiguidade, relatos sobre o respeito ao próprio ser. Um genuíno amor ao *eu.* Infelizmente, perdemos parte dessa pureza nas últimas décadas. Entre as tantas ilusões enaltecidas pelos poetas românticos, nos esquecemos da nossa relativa independência. A minha sensibilidade reconhece a sua culpa por esse veneno. Por sorte, a minha razão atenua os seus efeitos. Não me julgue ousado nas próximas palavras. São extremamente necessárias entre as covardias do nosso tempo. Ame ao próximo, *sem destruir a ti mesmo.*

**NÃO FAÇA
DA FELICIDADE
UMA ILUSÃO.**

Fernando Pessoa bem antecipou os riscos dos nossos tempos. *Nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.* Essa é a nossa atual realidade. Transformamos a felicidade em uma ilusão. Em instantes compartilhados, infelizmente não em seu mais valioso sentido. Não é mais um sincero dividir, porém apenas uma exposição. *Compartilhar.* Apenas uma vitrine. Os seus riscos? O irrealismo. A total ausência de lucidez se acreditarmos que a vida se reduz a um álbum de belas praias e conquistas. Assim, nos tornaríamos escravos das inseguranças alheias. Vítimas das ilusões criadas por almas ansiosas em se sentirem amadas. Não transforme a felicidade em um pedestal inatingível. É preciso ter (e saber manter) uma sensata sabedoria diante desses riscos. A maturidade de enxergar a felicidade dentro da nossa própria existência e não fora. É compreender e viver, ao invés de admirar e se iludir. É ser feliz por amar a vida; e não amar a vida apenas quando for feliz.

**O AMOR É
O ENCONTRO ENTRE
DUAS SOLIDÕES.**

Nenhum homem é uma ilha, escreveu o poeta inglês John Donne. Logo, não amamos sozinhos. Podemos até mesmo amar em solidão, mas não em isolamento. São caminhos bastante distintos. Eu carinhosamente explico. Toda alma nasce e morre só. Sentimos e percebemos o mundo sempre em nós mesmos. Aqui, não se deixe enganar: solidão não significa tristeza. É uma das condições fundamentais de nossas vidas. O amor é então o encontro entre duas solidões. O lindo encostar de duas solitárias almas durante a vida. Já o isolamento, seria o eterno viver dentro de uma caverna. O total distanciamento do mundo. Algo humanamente impossível. Assim, encontraremos outras almas pelo caminho. Morais ou não. Gentis ou egoístas. Em outras palavras, vivemos entre o amor e canalhas. É inevitável. Carregamos inclusive estes dois universos dentro de nós mesmos. A sabedoria? Saber cultivar o melhor lado. Em pensamentos e gestos. Nas atitudes e compromissos. Afinal, somos todos solitários. Nada além disso. Não precisamos nos tornar todos igualmente vazios.